

Emerson J. Prates – Juiz OBJO/FOB
texto e fotos

Melhorando a qualidade dos Periquitos Ondulados Ingleses

5ª parte

1.2. O comportamento dos periquitos australianos em cativeiro (3ª parte):

Antes de prosseguir nas observações sobre o comportamento do periquito em cativeiro devo ressaltar algo muito básico que criadores principiantes costumam esquecer: *sem reprodução não há melhoramento genético do plantel*. Pois, não basta manter um plantel com excepcionais periquitos, campeões regionais, estaduais brasileiros ou até mesmo mundiais, que não... *reproduzem*.

O periquito pode ser um *gentleman*, impecável, com altura e largura da cabeça excepcionais. Com direção de penas aos lados da cabeça perfeita, formando um chapéu volumoso e com a cara cheia (boa distância entre olhos e carúncula). Com postura magnífica no poleiro (o periquito fica quase totalmente em pé no poleiro e olha para baixo ainda), tem comportamento vivaz na gaiola, porém, é muito equilibrado mantendo-se calmo quando é manipulado. Entretanto, na reprodução é um completo fracasso (tem criador que vai até coçar a cabeça de indignação nesse momento porque isso realmente acontece). Mas, por outro lado, é contra produtor de manter muitos periquitos que *reproduzem* muito, porém, não produzem nenhum ou na melhor das hipóteses poucos bons filhotes.

E o que seria a reprodução afinal? Reproduzir seria o ato de produzir uma descendência. A finalidade da reprodução, no final das contas, seria a de transferir genes de uma geração a outra sem muitos apelos românticos. Na realidade a reprodução envolve algumas fases. A primeira seria a de compatibilização do casal que tem como expressão o *grooming* (ou catação) da cabeça do parceiro. Além de permitir a limpeza de área de difícil acesso para o indivíduo sozinho, a catação da cabeça reforça os laços sociais, pois, seria uma expressão de "confiança" no parceiro, necessária para estabelecer uma família.

Pode, porém, haver problemas nessa primeira fase quando o criador melhorador escolhe um casal que julgue reunir os atributos necessários para formar ou dar continuidade a uma linhagem. Já foram discutidas antes as possíveis saídas para sanar esse problema. Uma delas seria individualizar a fêmea junto ao ninho, na gaiola criadeira, e após ser verificado que a fêmea está entrando efetivamente no ninho, colocar o macho selecionado na mesma gaiola (lembramos que isso nem sempre funciona e dependerá das

diferenças individuais relacionadas ao comportamento dos periquitos de acordo com o que foi comentado antes).

Na segunda fase há a escolha de um local que deve ser devidamente preparado para receber os ovos e a prole. No caso específico dos periquitos não há a construção de um ninho pronto para o casal. Na natureza seria a fêmea quem selecionaria uma fenda numa árvore e ali prepararia pra não dizer construiria um ninho. Aparentemente fêmeas jovens gastam mais tempo nessa tarefa de preparar (roer) o ninho em relação a fêmeas mais velhas. O problema que pode surgir nessa fase está relacionado a qualidade da madeira utilizada na marcenaria para confeccionar o ninho. Segundo a minha experiência, os periquitos não são muito chegados a madeiras como o cedro e dever-se-ia evita-las (o cedro produz um repelente natural de insetos que os periquitos parecem não gostar). A madeira mais indicada, em minha opinião, seria o pinheiro. Mas, preferencialmente a araucária, pois, o *pinus sp.*, comum, seria muito mole e alguns periquitos rapidamente devorariam o ninho (a madeira oferece fósforo extra para nutrir uma provável carência alimentar). Em termos comportamentais teríamos o problema de fêmeas que não entram no ninho, parecendo não se adaptar a gaiola apesar da madeira ser adequada para o ninho. Uma saída seria inverter o lado do ninho na gaiola ou transferir

Ovos e filhotes pequenos podem ser mais facilmente confundidos com os próprios ovos e filhotes do casal.

o casal para uma voadeira ou bateria mais ampla ou um viveiro. Percebi que algumas fêmeas preferem um ninho interno no qual possam pousar em cima antes de adentrá-lo.

Com a cavidade do ninho preparada pela fêmea, temos a terceira fase da reprodução que seria a cópula. Durante a cópula, pode acontecer uma série de problemas nem sempre relacionados propriamente à fertilidade fisiológica. Os periquitos possuem um ritual de acasalamento muito específico. O macho costuma bater o bico no da fêmea e logo após executa um blefe de regurgitar-lhe alimento. A oferta de alimento a fêmea por parte do macho é universal nas aves. O comportamento de oferecer alimento nos periquitos seria provavelmente um indício de que o macho está



violeta

apto a auxiliar no transporte de comida para a futura prole e consistiria em uma tentativa de convencer a parceira a copular com ele. Nem sempre após esse convencimento o macho obtém sucesso, pois, deve antes subir nas costas da fêmea e depois tentar encaixar a cloaca na dela, dando-lhe um abraço com uma das asas para se apoiar melhor sobre o corpo da parceira.

As falhas nesse processo, segundo minha experiência, são as seguintes. Há machos que não se apóiam nas costas da fêmea por possuírem algum defeito nas patas, ou seja, não conseguem fechar as patas para poderem se agarrar com firmeza nas penas das costas ou asas da fêmea. Outros machos parecem não saber em qual lado devem se encaixar na fêmea e tentam copular de lado com companheira. Outros simplesmente parecem ter medo de subir nas costas da fêmea e outros ainda resolvem o problema copulando com poleiros e comedouros.

Por outro lado, algumas fêmeas parecem ser mais exigentes que o comum em relação aos seus parceiros e não permitem que um macho inadequado copule com elas (tal comportamento é regra nos coelhos – apenas machos que agarram as fêmeas perfeitamente conseguem copular – isso constitui um mecanismo seletivo das fêmeas para garantir ninhadas com comportamento reprodutivo adequado, já que as pressões ambientais são muito fortes na seleção natural dos coelhos, pois eles servem de alimento para muitas

